

A Bala na Agulha

Peça de Nanna de Castro



Sinopse:

“A Bala na Agulha” é a história do embate entre um grande ator de teatro que chegou aos 70 anos doente, sem dinheiro e esquecido e um jovem galã que desponta com enorme sucesso na TV. Durante uma peça que estão representando, o ator mais velho, Chico Valente, aponta uma arma para o jovem ator, Cadu, e o obriga a duelar com ele pela própria vida numa espécie de reality show onde apenas o melhor ator sobreviverá. Célia de Castro, atriz que está na plateia, sobe ao palco para tentar intermediar o conflito e evitar o pior. Mas o envolvimento afetivo dela com Chico no passado e no presente com Cadu torna-se mais um ingrediente explosivo neste duelo.

PERSONAGENS:

Chico Valente: ator de 63 anos. Experiente, talentoso, exigente, inflexível, mal humorado, irônico. Está no fundo do poço: esquecido, doente e na miséria.

Cadu Fisher: modelo/ator de 20 anos. É lindo, tem carisma mas é inexperiente, raso e imaturo. É galã de novela e desponta como uma grande promessa na TV.

Célia de Castro: atriz de 57 anos. Trabalha na TV e no teatro. É madura, tranquila, equilibrada, generosa e muito sensual. Parece bem mais jovem. A grande amiga de Chico no passado.

Edén: contrarregista de 58 anos. Opera luz e som. Não aparece fisicamente.

CENA ÚNICA

Pouca luz.

O cenário é pretensiosamente moderno, possivelmente todo branco. Praticamente sem contraste entre as coisas. Sensação ampliada de vazio. Há um pedestal alto com uma TV ligada sobre ele (simboliza uma árvore). Na TV passa uma programação qualquer. Temos dois cubos que servem de bancos. Estragon (Cadu) está sentado em um dos cubos e olha paralisado para a TV. Tem o controle remoto na mão e o braço estendido em direção ao aparelho. Ele muda o canal sem parar.

Entra Vladimir (Chico). Luz sobe lentamente. Chico está visivelmente cansado e mal-humorado. Funga o tempo todo como se estivesse gripado.

Estragon vai abaixando o volume da TV até ficar só a imagem. Segue compenetrado na TV.

Estragon:

- Nada a fazer.

Vladimir: (amargo)

- Estou quase acreditando. Fugi disto a vida toda. Dizia: Vladimir seja razoável, você ainda não tentou de tudo. E retomava a luta. Veja só! Você aqui de volta.

Estragon:

- Estou?

Vladimir:

- Que bom que voltou, pensei que tivesse partido para sempre.

Estragon:

- Eu também.

Vladimir:

- Temos que comemorar, mas como? Levante que lhe dou um abraço.

Estragon:

- (hipnotizado pela TV) Hum?

Vladimir:

- Levante que lhe dou um abraço.

Estragon:

- Daqui a pouco, daqui a pouco.

Chico tem um ataque violento de tosse. Ele para e olha demoradamente para a plateia.

Cadu desvia o olhar da tela rapidamente e olha para Chico.

Chico (MacBeth):

- "Uma sombra que passa, um pobre histrião que se pavoneia e se agita uma hora em cena e, depois, nada mais se ouve dele..."

Cadu olha novamente mais surpreso. Chico vira-se para Cadu e olha para ele: fixo, profundo, como se rezasse.

Chico (Lady MacBeth):

- "Acorrei espíritos que velais sobre os pensamentos mortais! Trocai-me de sexo e, dos pés à cabeça, enchei-me. Fazei que transborde da mais implacável crueldade! Fazei que meu sangue fique mais espesso; fechai em mim todo acesso, todo caminho à piedade, para que nenhum escrúpulo compatível com a Natureza possa turvar meu propósito feroz, nem possa interpor-se entre ele e a execução! Vinde a meus seios maternos e convertei meu leite em mel, vós, gênios do crime, do lugar de onde presidis, sob substâncias invisíveis, a hora de fazer o mal!"

Chico volta a tossir compulsivamente. Sente o peito doer. Geme. Cadu olha perplexo.

Chico:

- Merda de dor!

Chico puxa uma arma (pistola) do bolso e aponta para Cadu. Cadu se assusta.

Cadu: (baixinho)

- Quê isso???

Chico dá um tiro pra cima. Sente o impacto no braço, se assusta. Percebemos que ele não tem nenhuma intimidade com a arma.

Chico:

- Uma pistola. Tá escrito aqui PT 945. Carregada, é claro.

Cadu fica atônito olhando para ele e para a plateia.

Cadu: *(sussurra)*

- Que que cê tá fazendo cara?

Chico: *(Ignora Cadu. Olha para cima)*

- Me perdoem: Dionísio, Samuel...

Chico vai à boca de cena. Tira o lenço do bolso e assua o nariz novamente. Guarda o lenço. Olha muito irritado para a plateia.

Chico:

- Me perdoem, deve ser só uma gripe. Não tomei a vacina para idosos este ano. Me deprime ir àquele posto do SUS... aquela parede encardida... aquela auxiliar de enfermagem miseravelmente bem-humorada. Que importa isso, não é senhores? Vocês não vieram aqui para ver um velho gripado... Vocês vieram ver o clássico do

senhor Beckett, certo? *(Ri)* Bobagem. Não vamos nos enganar. Não quero mais me enganar. Vamos ser honestos só hoje, eu e vocês... Vocês vieram ver *(aponta a arma displicentemente para Cadu)* aquele rapazinho ali ó: o galã da TV.

Chico vai até a TV, a empurra, ela cai no chão e a imagem some.

Chico:

- Chega de TV.

Ri de si mesmo. Coloca a mão na testa como se avaliasse se tem febre.

Cadu:

- Cara, você pirou, que porra é essa???

Chico: *(Imita)*

- "Cara, você pirou, que porra é essa". *(Irritado para plateia)* Três meses de ensaio. Três meses de "cara", "meu", "porra", "véio"... Meu tímpano está inflamado, minha cóclea rachou de pavor... *(Para Cadu)* Esta porra, moleque, já foi teatro.

Tira o lenço e limpa o nariz novamente muito irritado.

Chico:

- Droga de nariz!!!

Cadu tenta sair do palco.

Cadu:

- Aí, o cara pirou.

Chico coloca a arma na cara dele com agressividade. Ele para.

Chico:

- *(Cínico)* Nada de deixar o palco. O espetáculo não acabou. Nada autoriza um ator a deixar o palco, entendeu? Talvez a morte. Mas até a morte é um outro espetáculo. Aliás, a morte pode ser o grande espetáculo da vida de um ator... É isso: nem a morte autoriza um ator a abandonar o palco. Entendeu moleque?

Cadu:

- Cê tá pirado cara... Cadê os caras do teatro? Cadê todo mundo?

Chico:

- Todo mundo no meu camarim. Trancados. Chamei todos lá para fazer uma rápida homenagem de um velho ator à sua equipe. Não percebeu que atrasamos um pouquinho hoje? Claro que não, você estava no celular... Dois minutos antes de entrar em cena e ele falando no celular... (T) O rapaz que pega os bilhetes na porta foi o último a chegar ao camarim... Eles entraram comovidos com o bom velhinho aqui pensando: nossa, como o Chico está mudado. Provavelmente a miséria tenha tornado o velho mais humano, mais simpático... E eu tranquei todos lá: o menino, Pozzo, Lucky,

a mulher da bilheteria, o administrador do teatro, sonoplasta, iluminador, a mocinha do café... Menos o contrarregra, o Édén... meu amigo Édén. Centenas de espetáculos juntos. Esta noite realiza o sonho antigo de fazer som e luz de um espetáculo meu... Édén meu querido, foco central na boca de cena, por favor...

Acende-se foco na boca de cena. Demais luzes se apagam.

Chico:

- *(Para Cadu)* Para a luz querido ator... Como uma mariposa...

Chico encosta a arma na cabeça de Cadu e o empurra até o foco.

Chico:

- Música de abertura, Édén.

Entra música grandiosa.

Chico:

- Senhoras e senhores, respeitável público... Eu tenho uma ótima notícia. Os senhores foram eleitos! Sim, esta plateia foi escolhida. E amanhã, muitos de vocês vão estar nos jornais, na TV... Enfim: os quinze minutos de fama... Hoje vocês vão vivenciar uma história única, uma tragédia, ao vivo, com sangue espirrando, vísceras expostas, um verdadeiro açougue. Não, não estou falando daqueles espetáculos em que jogam tinta nas pessoas e arrastam o espectador para o palco para rasgá-lo e cuspir nele... Não,

senhoras e senhores, aquele tempo passou, totalmente superado. E o nosso público é exigente, ele quer mais! Então, vamos inaugurar uma nova era, uma verdadeira revolução teatral que vai lotar novamente os teatros. E eu chamarei esta revolução de "Teatro-Coliseu".

Faz um gesto para Éden. Música sobe. Cadu começa a rir.

Cadu:

- Já sei. Isso é outra invenção do Charles. Tem algum programa filmando, é isso?

Chico: *(Faz sinal para cabine de som)*

- Para! Para!!! Para tudo Éden!

Sai música. Luz geral na cena.

Chico:

- Você acha que eu participaria de uma pegadinha? Ainda não, como se diz? caiu a

ficha do que está acontecendo aqui, garoto? Eu fiquei louco, você não vê? (T)

Precisamos fazer você entender a gravidade do momento, rapaz. Mas como? Como? Já

sei. Vamos usar uma técnica mais realista.

Chico vai até ele e dá uma mordida bem forte em seu braço. Cadu dá um berro.

Chico:

- Percebe a gravidade agora? (T) Onde eu parei... Sim, o Teatro-Coliseu... Éden!

Volta trilha de fundo.

Cadu:

- Você me mordeu... Você tá louco, eu quero sair daqui, eu vou sair daqui...

Cadu vai saindo de cena. Chico aponta a arma para ele e atira. Erra. Cadu grita e se encolhe todo. Deita no chão. Chico sente o ombro.

Chico:

- Aaaai... E não é que eu errei... Assim de pertinho... *(Para a plateia. Olhando a arma)*

Os senhores me perdoem, faltou ensaiar com uma arma de verdade, só consegui uma hoje de manhã... Mas isso não vai atrapalhar o espetáculo de vocês porque com certeza, encostando a arma na cabeça do rapaz, é difícil que eu erre... *(Segura o ombro)* Dor, dor, dor... A velhice dói... Foco! Trilha!

Novamente surge o foco. A trilha musical cresce. Chico anda até Cadu, encosta a arma na cabeça dele e o leva de volta ao foco.

Cadu:

- Olha, Chico, por favor, eu não tô gostando dessa brincadeira, se isso é coisa do Charles...

Chico: *(Para a plateia. Ironia extrema. Enquanto fala anda em torno de Cadu como um bicho, em transe.)*

- Charles é o agente... Grandes estrelas têm agentes pra administrar sua carreira.

Charles é um dos melhores. Tai na plateia? *(Pausa)* Ué, não veio hoje? (T) Charles é um gênio nas estratégias para promover uma carreira... Tem ideias brilhantes do tipo: montar um clássico do teatro para o seu galã da vez. É assim como comprar um brinquedo, um pirulito...

Cadu:

- Cara, se o Charles fez alguma coisa com você...

Chico:

- O Charles? Imagina, garoto! Charles é o meu salvador. Digamos que eu fui resgatado da minha penúria financeira para vir aqui dar a você um verniz de ator. Uma demão de ator. O ator que você não é.

Cadu:

- Eu sou ator, cara.

Chico:

- Não, não é não.

Cadu:

- Olha, eu não queria fazer esta peça também...

Chico:

- Óbvio que não. Você não entende um décimo do que fala em cena.

Cadu:

- Que que você quer, cara?

Chico:

- Meu nome não é cara, é Chico. E eu quero me inserir na modernidade. Nesta modernidade onde tudo é efêmero, descartável. Você e eu, por exemplo: descartáveis. É isso, eu decidi me modernizar.

Entra uma trilha de filme épico de gladiadores.

Chico:

- Sim Éden, vamos voltar ao Coliseu... Especificamente àquela parte em que um cristão é jogado na arena... Mais alto, Éden!

Chico empurra Cadu no chão. A trilha fica altíssima.

Chico:

- Menos, Éden... *(Berra)* Meeeeeeenos!!!

A trilha cai um pouco. Chico fica de pé dentro do foco sobre Cadu. Trilha vai num crescendo até o final apoteótico.

Chico:

- *(Cínico)* Um jovem cristão. De repente os alçapões se abrem e vêm subindo lá do subsolo, em plataformas móveis, feras famintas... E vocês na plateia com sua esposa, marido, seus filhos, saquinho de pipoca, vibrando, torcendo pelos leões... Então a plataforma chega à arena e os leões avançam pra cima do jovem cristão... Arrancam braços, pernas, o sangue vermelho, vivo, lavando o chão... O pai levanta o filho pequeno nos braços para poder ver melhor... O que é aquilo, papai, na boca da fera? *(Chico se abaixa e levanta a cabeça de Cadu puxando pelos cabelos)* A cabeça, a cabeça do jovem!!! A plateia vai ao delírio. (T) É isto: cada apresentação do Teatro-Coliseu será única e insuperável porque o ator... *(Encosta a arma na cabeça de Cadu)* morre no final. Sim, senhoras e senhores, o ator mais fraco morre no final. E é ver-da-de. Entramos na era do Reality Show.

Cadu se desvencilha de Chico e sai do foco. Continua no chão. Luz geral.

Cadu:

- Chico, por favor, Chico, você tá me assustando, cara... Desculpa se a gente fez alguma coisa que não foi legal com você. Você sabe que eu não mando nada nesses lances de produção.

Chico:

- (Cínico) Ah, claro! Talvez eu possa esquecer tudo se você me deixar ficar no camarim maior.

Cadu:

- Claro, cara, sem problema nenhum.

Chico dá uma gargalhada.

Chico:

- Você não entendeu rapaz, amanhã o camarim de um de nós vai ser um troço de cimento, um buraco no chão, um metro por dois e meio.

Chico vai atrás dele apontando a arma. Cadu tenta se arrastar em sentido contrário.

Chico:

- Aliás, eu acho que eu deveria, agora mesmo, puxar o gatilho e estourar os miolos do ator mais fraco, certo? Mas aí o espetáculo teria durado apenas quinze minutos... Não, não podemos nos dar ao luxo de matar uma pessoa em quinze minutos de espetáculo. Mesmo sendo uma pessoa deste nível. Não... Quem quer ver sangue de verdade precisa suportar um pouco de drama... *(Para a plateia)* Nada do tipo reis gregos furando os olhos, príncipes da Dinamarca em crise existencial... Preparei uma coisa mais picante, mais ao gosto de vocês romanos. Artaud tinha razão, é isso que vocês querem: nervos, coração, um teatro da loucura, da crueldade. Eu preparei um embate

de gladiadores... entre mim e ele, o galã, aqui no palco. Três combates. Perdeu, morre.

Cadu:

- Meu Deus... (*Olha para a plateia*) Alguém precisa ligar pra polícia...

Chico vai bem perto da plateia.

Chico:

- Certamente... Alguém precisa ligar para a polícia... (*Olha a plateia*) Peraí, parece que alguém ali está ligando pra polícia... (*Observa*) Não? Que pena. Vê moleque? Eles não ligam. Sabe por quê? Porque eles estão pensando: isso é teatro. Alguma proposta nova, moderna, pós-moderna. Logo acaba a pecinha e voltamos para a nossa vidinha real, certo? É o que eles esperam... E quando o sangue da sua cabeça, ainda quente, espirrar na cara (*aponta alguém nas primeiras filas*) deste rapaz aqui olha... Ele vai dizer: eu falei pra gente não sentar nas primeiras filas.

Tem outra crise de riso que invariavelmente acaba em tosse. Célia levanta-se na plateia.

Célia:

- Chico.

Chico:

- Ah, não minha senhora, nosso espetáculo não é interativo... Agora tudo é interativo!

Estava tão bom a plateia dócil, caladinha...

Célia:

- Que que você tá fazendo, Chico?

Chico reconhece a voz. Volta à boca de cena.

Chico:

- Luz na plateia Éden... *(Luz sobe na plateia)* Célia? Célia de Castro! Então, finalmente, você veio ver a peça comercial do seu velho amigo. Viu querida? Você sempre me disse que vender uns pedaços da alma era inevitável...

Célia:

- Eu nunca disse isso. Posso subir aí, Chico?

Chico:

- Na-na-na-não! *(Para o público)* Célia é uma grande atriz do teatro nacional... Ah, vocês não conhecem, claro... Deixa eu ver, ela é a mãe do nosso galã na novela das oito... Aaaah! Agora sim! (T) Não Célia, esta peça tem apenas dois papéis: o ator fraco e o ator forte... Você acha muito pedante eu me dar o papel do ator forte, Célia?

Célia anda até a frente do palco. Sai luz da plateia.

Célia:

- Claro que não, Chico, você foi... Você é um dos maiores atores que eu já conheci.

Tantas peças juntos... Você é o grande mestre. Posso subir aí?

Chico:

- Depende... Você tem um dorflex? Uma aspirina...?

Célia procura em sua bolsa.

Célia:

- Tenho os dois.

Chico:

- Isso é ser velha... Aposto que tem remédio pra pressão, Ginko Biloba...

Célia:

- Teatro Coliseu... Eu lembro quando a gente teve esta ideia...

Chico:

- A gente?

Célia vai subindo ao palco. Chico aponta a arma para ela. Ela para nos degraus.

Célia:

- Faz uns cinco, seis anos? Último encontro, último jantar na sua casa... Era só uma brincadeira. A gente riu muito junto.

Chico:

- Faz dez anos. Desce Célia.

Célia:

- Sempre egoísta, Chico. Sempre querendo o palco só pra si. Vou só entregar os remédios.

Cadu levanta-se bruscamente. Chico aponta a arma pra ele.

Chico:

- Eu já preparei tudo para dois atores, Célia. (T) Dez anos. Nem um telefonema. Está bem melhor sem mim. Fez plástica? Botox? Silicone nos peitos?

Célia:

- Fiz tudo. Posso te ajudar?

Chico:

- Chega de me ajudar.

Célia:

- Eu senti sua falta.

Chico:

- Masoquismo seu. Agora desce Célia.

Ele tem uma crise de tosse. Sente dor. Ela estica os comprimidos pra ele. Ele vai até ela e pega.

Célia:

- Nossa, você tá péssimo... Tenho água também...

Tira uma garrafinha de água da bolsa e entrega a ele. Ele toma os comprimidos, devolve a garrafa, ela guarda. Olha fixo para Célia. Longo silêncio.

Célia:

- Que foi?

O olhar de Chico muda. Torna-se extremamente afetuoso.

Chico (Torvald):

- Porque não posso olhar para a minha coisa mais querida? Toda essa beleza que é minha, só minha?

Célia ri. Entra no jogo. Enquanto fala, Célia vai entrando no palco. Vai se aproximando de Cadu.

Célia (Nora):

- Não quero que você fale assim comigo esta noite.

Chico (Torvald):

- Ouça, os convidados estão começando a ir embora. Nora, logo a casa toda vai estar em silêncio.

Célia (Nora):

- É, eu espero que sim, Torvald.

Chico (Torvald):

- Sabe por que quando estamos numa festa como esta eu falo tão pouco com você, e só de vez em quando lhe dirijo um olhar? É porque eu fico imaginando que nós estamos apaixonados e que você é minha noiva, prometida em segredo, e ninguém suspeita que haja alguma coisa entre nós.

Célia chega até Cadu e coloca a mão em seu ombro.

Célia (Nora):

- Sei, sei... Eu sei muito bem que você pensa em mim o tempo todo... Chico.

Célia ri. Chico ri junto. Tosse.

Chico:

- Tenho problemas demais pra ficar pensando em você, Célia... Problemas demais...

Célia tenta se aproximar de Chico.

Célia:

- O que que aconteceu, amigo? Olha pra mim Chico, larga essa arma. Você sempre foi um perfeccionista arrogante, um ranzinza mal-humorado, mas isso aí é...

Chico:

- Loucura, Célia, loucura total. Sabia que no SUS tem psiquiatra? Mas eu não tenho saco pra ficar naquela fila... Acho que já falei isso. Como nós velhos somos repetitivos...

Cadu tenta sair pela coxia. Chico empurra Célia com raiva e parte pra cima com a arma apontada pra ele.

Chico:

- Oooopa! Olha o rato fugindo! Não senhor! Assim, teremos que tomar medidas mais drásticas... De volta ao palco, por favor...

Ele traz Cadu de volta.

Chico:

- Celinha, querida, já que subiu aqui com a única intenção de me ajudar, tem uma corda atrás da primeira perna da coxia, pega e amarra os pulsos do nosso ator fraco pra mim. Ele está ficando muito agitado.

Cadu:

- Esse cara é doido. Ninguém vai me amarrar.

Chico:

- Talvez seja melhor então eu atirar em uma das pernas dele.

Chico aproxima a arma da perna de Cadu.

Célia: *(Tensa.)*

- Não! Eu amarro ele.

Célia vai buscar a corda.

Célia:

- *(Para Cadu)* É só uma brincadeira, Cadu, eu conheço bem as loucuras do Chico.

Célia tenta amarrar Cadu. Ele resiste.

Célia:

- *(Para Cadu)* É só uma brincadeira... Calma. Tô te dizendo: eu conheço o Chico.

Cadu coloca as mãos para frente. Célia amarra os punhos.

Chico:

- *(Maldoso)* Aliás, conhece no sentido bíblico... (T) Aperta isto aí. Aperta de verdade.

Empurra a arma contra a cabeça dela com força.

Chico:

- Não ouviu? Aperta esta merda, Célia.

Ela olha perplexa pra ele e aperta bem o nó.

Chico:

- Aperta mais.

Célia aperta mais. Cadu sente dor.

Cadu:

- Tá machucando.

Célia:

- Vou afrouxar um pouco.

Chico:

- Deixa assim. A dor é uma escola. Ah, quanta dor eu já senti pra encontrar um personagem... Lembra do meu Édipo, Célia? Cheguei a passar pimenta nos olhos pra sentir a dor... Doeu pra burro... Lembra?

Célia:

- Lembro. Te levei pro pronto-socorro. Quase não teve estreia.

Célia passa a mão na cabeça de Cadu carinhosamente.

Célia: *(Para Cadu)*

- Calma.

Chico:

- Criei a memória da dor... Na hora da cena, era como apertar um botão e ela vinha...
Maravilhosa, sublime...

Luzes do palco piscam.

Chico:

- Sim Éden, já perdi o foco de novo. Desce Célia, você já me fez perder tempo demais com memórias. Estou cheio de memórias.

Cadu olha para ela suplicante.

Célia:

- Me deixa ficar aqui num canto, Chico. Te ajudando. Você falava de três combates.

Célia senta-se num canto do cenário.

Chico:

- Os combates, sim! Onde o ator fraco é sacrificado para delírio da plateia. Mas, é claro, o galã aqui pode nos surpreender. E provar aos senhores que é ele o ator forte. Seria uma virada e tanto no nosso espetáculo, heim, Célia? E o melhor: se ele vencer, morro eu. O velho louco e doente. Um final mais correto, até. E depois, como diria Néelson Rodrigues: "Não importa, desde que morra alguém".

Chico tira do paletó uma pena de galinha.

Chico:

- Primeiro desafio... Que eu chamo de "O Espelho" ou "A Galinha". (Para Cadu) Quem começa?

Cadu:

- Começa o quê?

Chico:

- A viver o personagem da galinha.

Chico enfia a arma na cintura, finge jogar milho na frente de Cadu e faz sons com a boca de quem chama as galinhas.

Cadu:

- *(Quase chorando)* Eu não vou fazer porra de galinha nenhuma.

Célia:

- É só uma brincadeira.

Cadu:

- Eu não vou fazer esta merda, Célia... Esse porra desse cara quer me humilhar. Eu não vou fazer esta merda...

Chico tira a arma da cintura.

Chico:

- Te humilhar? Uma galinha?

Célia se levanta.

Célia:

- Eu faço a galinha.

Chico:

- Senta Célia. (T) Éden, uma luz especial para a galinha.

A luz ganha um tom azulado. Célia senta-se novamente. Chico entrega a pena a Cadu. Coloca a arma novamente na cintura. Começa a olhar fixo para um ponto no chão como se visse uma minhoca. Aos poucos, concentradíssimo, vai se tornando uma perfeita galinha ciscando pelo palco. Célia olha admirada, Cadu, surpreso. Chico anda pelo palco como galinha por algum tempo e depois se desfaz do personagem. Luz volta ao normal. Chico fala no ouvido de Cadu.

Chico:

- “O orgulhoso, a si próprio devora”. Shakespeare. Atores não têm orgulho. Vai, anda moleque.

Chico toma a pena de Cadu. Um foco de luz a pino se acende no palco. Cadu vai entrando com dificuldade na luz. Faz um esforço enorme para imitar a galinha. Para.

Cadu:

- Eu não consigo, cara... Quero dizer, Chico. Eu não consigo.

Célia, sentada onde está, começa a começa a imitar uma galinha para encorajá-lo. Cadu ri. Ele começa a imitar a galinha novamente, meio sem jeito, tenta. Foco de luz desaparece. Os dois param de imitar a galinha.

Chico:

- Razoável. Uma galinha sem alma, sem objetivo, sem conteúdo. Um arremedo de galinha. E ainda, ajudada por outra galinha. Eu acho que ele perdeu, você não acha Édén? Um sinal para “sim”. Dois para “não”.

Ouvimos um sinal de teatro.

Chico:

- Você perdeu.

Cadu:

- Tudo bem. Eu já entendi!

Chico:

- Finalmente!

Se ajoelha na frente de Chico.

Cadu:

- Tudo bem, eu não sou ator. É isso que você quer ouvir? Eu digo, pra todo mundo. Eu sou um idiota com uma carinha bonita. Eu achei que podia ser ator, mas eu não sou. Eu me sinto mal todo dia quando a peça vai começar. Porque eu não entendo véio, estes caras esperando Godot. Eu não entendo porra, nenhuma. Mas o Charles falou

que tinha de ser um texto pesado. Pra mostrar que eu era ator. Então é isso, Chico, eu não sou ator, não sou. Agora, chega, me deixa ir embora, cara!

Chico faz um carinho na sua cabeça e fala como se ele fosse uma criança.

Chico:

- Eu sinto muito, mas aqui não é a sua casa onde você pede desculpa e a sua mamãezinha passa a mão na sua cabeça. Aqui é um território sagrado. Você invadiu o território sagrado, entende? Isso é muito grave. Você precisa pagar. E não adianta se ajoelhar. Isso pode comover a Célia, ou essa plateia ingênua. Eles adoram um melodrama. Mas eu estou me li-xan-do, entende galãzinho? Nada interrompe um espetáculo. E você vai até o fim.

Cadu:

- (Suplicante) Célia!

Célia se levanta num rompante e vai desamarrar Cadu.

Célia:

- Chega, Chico. Eu vou desamarrar ele.

Célia começa a desamarrar. Chico a puxa e coloca o revólver em seu rosto.

Célia:

- Então, atira Chico, atira, vai!

Chico:

- É meu último espetáculo, Célia, meu último. Você não tem o direito...

Célia:

- Você não tem o direito de humilhar as pessoas assim. Chega!

Célia tenta desfazer o nó. Está difícil.

Chico:

- Ah, Santa Célia! Que foi minha tarântula querida? Vai salvá-lo pra poder engoli-lo sozinha? (Para Cadu) Eu conheço isso muito bem garoto. Ela te envolve como uma aranha. Já vi acontecer tantas vezes. Sempre com garotos. É como uma jaula forrada com pelúcia. Como era o nome daquele último moleque com quem você transava?

Célia:

- Para, Chico! (T) Merda, apertei demais isso.

Chico:

- Você acha que eu não sei que esta é a nova mosca da sua teia? Eu devo ter passado o olho rapidamente numa dessas revistas de fofoca na banca. Eu sei, Célia, que você veio aqui pra vê-lo. E com certeza foi você quem sugeriu meu nome pro tal do Charles...

Célia continua tentando em vão soltar o nó. Vai ficando cada vez mais irritada com o que Chico diz. Cadu também se incomoda com as palavras de Chico. O nó resiste.

Chico:

- (para Cadu) É, galãzinho, esta é a mamãe aranha. Cheia de teias e armações. Ah, e ela não te ama como homem. Na verdade é um lance meio edipiano que ela quer. Uma coisa de ir pra cama com o filho que ela não teve. Mas o problema é que ela não aguenta muito tempo. Vai dando um vazio nela aquele moleque bonitinho ali, porque ele é meio boboca, ele só diz “sim” pra ela, ele não é um macho adulto, sabe? Ele não manda ela calar a boca e ela vai enchendo o quarto com sua personalidade marcante, feito um gás. E os galãzinhos vão se encolhendo, e ficando cada vez mais bobocas... E quando ela vê, o galãzinho ficou tão minúsculo que escapou pela fresta da porta. E ela fica só. E arruma outro. Meu Deus, garoto, você não lia revista de fofoca quando era menorzinho?

Célia, nervosa, não consegue desfazer o nó. Parte para cima de Chico. Ele se encolhe todo.

Célia:

- Seu escroto! Es-cro-to! Cala a boca. Eu quis te ajudar sim. Eu soube da sua situação financeira...

Chico:

- Complexo de culpa.

Célia:

- Amizade, Chico!

Chico:

- Culpa porque você se deu bem e eu me dei mal. Por que mulher não consegue se dar bem sem se sentir culpada..?

Célia:

- Quer saber, que se dane. Agora eu vou soltar o meu “galãzinho” e nós vamos sair por aquela porta e você nunca, mas nunca mais, vai me ver na sua vida, tá entendendo?!
Até na merda, você é um estúpido egoísta!

Chico senta-se, cansado, tosse. Sente o peso da arma. Tira o lenço e assua o nariz novamente. Célia vai desamarrar Cadu.

Célia:

- Chega de maluquice.

Cadu se esquiva dela.

Célia:

- Que que foi!? Não é verdade isso que o Chico disse.

Cadu senta-se do lado de Chico.

Cadu:

- É verdade sim. É verdade, Célia. O velho é doido, mas nisso ele tem razão. Você armou tudo com o Charles. Como se eu fosse um boneco que vocês colocam no melhor lugar da vitrine. Nunca me ouviram. Eu nunca pude falar nada. E eu sei que você teve outros caras. Sempre meninos...

Chico bate palmas.

Cadu:

- (Para Chico) E galãzinho é a puta que te pariu. Meu nome é Cadu.

Chico:

- Uaaau! Uma brasa de caráter! Muito bom... Cadu.

Cadu:

- (Para Célia) Tô de saco cheio de gente me dizendo o que fazer, aonde ir, o que vestir, o que falar na entrevista. Não pode sair de chinelo, penteia esse cabelo, você já usou esta roupa esta semana. É você, o meu pai, o Charles. E agora, por sua culpa, eu ainda tenho que aguentar esse velho pirado... Que se acha o rei do universo, que se acha o próprio Laurence Olivier... Eu aqui tomando porrada e esta plateia não faz nada. Ficam só olhando e rindo. Qualé? Tão achando que eu sou o quê? O Gustavinho da novela, aquele pedaço de chuchu com cara de urso Panda. Um puta inverno e o cara não veste

a camisa nem a pau. Sabem por quê? Porque vocês acham que eu sou um monte de carne. (Pra plateia) Tô de saco cheio, véio!

Chico:

- E eu achava que esse “véio” era comigo.

Cadu:

- Vão se foder todo mundo, cara.

Longo silêncio. Célia senta-se no outro banco.

Célia:

- Tá bom.

Célia pega um floral na sua bolsa. Pinga umas gotas debaixo da língua.

Célia:

- Algumas coisas são verdade. Mas também é verdade que eu te acho um bom ator, Cadu. Meio imaturo, pouco técnico, mas um grande ator. Acho mesmo. O Chico não te conhece e ele tá errado. Pensei que no teatro, você ia se encontrar, ia crescer. Eu só queria ajudar.

A luz pisca novamente. Chico se levanta cansado.

Chico:

- Já vou, Éden, já vou. Chega de lavar roupa suja. Eu preciso terminar o espetáculo, vamos para o segundo duelo.

Chico aponta a arma para Cadu.

Cadu:

- Tudo bem. *(Mostrando os pulsos amarrados)* Mas pelo menos solta isso.

Chico pega um canivete no bolso e entrega para Célia.

Chico:

- (Para Célia) Toma. Corta.

Célia corta a corda que prende os pulsos de Cadu. Chico coloca a arma na cintura.

Chico:

- Vamos, Éden, cadê o texto?

Um envelope fechado desce do urdimento na ponta de um cordão. Chico pega e entrega o envelope para Cadu. Célia senta-se novamente.

Chico:

- É um monólogo. O Éden escolheu. Para sermos justos, pedi que ele achasse um texto que eu não conhecia. Tarefa difícil. Vamos ver como ele se virou. Abre.

Cadu abre.

Cadu:

- É de um tal de Salvador Allende. Ano de 1973.

Chico e Célia riem.

Célia:

- Salvador Allende. Tinha esquecido deste lado comunista do Éden.

Chico:

- Vá, nos anos 70 éramos todos comunistas... Boa escolha, camarada Éden. Um texto virgem para mim também. Um foco e uma trilha para o nosso galã... Quero dizer, para o Cadu Fisher.

Sobe uma trilha épica. Um foco a pino se acende.

Chico:

- Vai lá. Lê. É o mínimo que se espera de um ator.

Cadu vai até o foco e lê o melhor que pode. Falta emoção, verdade.

Cadu:

- "Meus amigos, certamente esta é última oportunidade que tenho de me dirigir a vocês. A força aérea bombardeou as torres da Rádio Portales e da Rádio Corporación."

Chico aponta a arma para ele.

Chico:

- Para! Para, pelo amor de Deus.

A trilha sonora some. Chico enfia a arma na cintura. Pega o rosto de Cadu e olha bem perto nos seus olhos.

Chico:

- Você é o presidente de um país e está sitiado em seu palácio falando pela rádio para o seu povo. Milhares de pessoas te ouvindo, ao vivo! E, por aquela porta, vai entrar em poucos minutos, um militar, um troglodita, um carrasco, um tirano, que vai arrancar a sua vida... meter uma bala na sua cabeça.

Cadu:

- Cara, eu sou péssimo em história.

Chico:

- Eu estou te contando a história. Vamos ver se você sabe ouvir. (Aponta o vazio) Olha, bem aqui está o microfone da rádio. Lá fora o barulho de tiros, gritos. Os seus carrascos estão chegando, estão vindo pelos corredores da rádio. (Aponta para a coxia) A porta está trancada. Eles vão derrubá-la, mas isso leva tempo. Rápido... Lê de novo!

Chico empurra Cadu no foco. Ele lê mais emocionado. Chico observa.

Cadu:

- "Meus amigos, certamente esta é última oportunidade que tenho de me dirigir a vocês. A força aérea bombardeou as torres da Rádio Portales e da Rádio Corporación. As minhas palavras não têm amargura, mas apenas decepção, e são o castigo moral para os que atraíram o juramento feito pelos soldados do Chile, pelo comandante em chefe em título, o almirante Merino, que se autodesignou, e o senhor Mendoza, um general que ainda ontem manifestou sua fidelidade e lealdade ao governo, e que também se nomeou diretor geral dos Carabineiros. Perante estes fatos, é minha obrigação dizer aos trabalhadores: não vou renunciar!"

Chico aponta a arma de novo para ele. Está mais inflamado.

Chico:

- Por quê? Porque não renunciar e salvar a própria vida? Como você fez há pouco. Você que caiu pateticamente de joelhos na minha frente e disse que não era ator. Por que não renunciar, nem diante da morte?

Cadu:

- Não sei, Chico.

Chico o puxa de novo para fora do foco.

Chico:

- Por amor! Essa palavrinha piegas. Por amor a um povo, a um país! Difícil entender, não é? Difícil para quem vai levando a vida pro lado que apontam. Difícil pra quem não ama o que faz. Este discurso está encharcado, abarrotado, de amor. Por isso é eterno. Um amor tão profundo, tão imenso que a morte... vira nada. É o amor que dá a este personagem a dimensão do herói, a imortalidade. Não tente entender com a cabeça. Você é jovem, mas deve amar algo ou alguém... Amor, Cadu. Leia.

Chico o empurra para o foco. Cadu olha para Célia. Começa a ler olhando para ela e depois se vira para a plateia. Lê com intensidade, com verdade. O foco de luz vai ficando mais intenso e a trilha sonora sobe lentamente enquanto ele lê. Chico, pela primeira vez, olha admirado, se envolve no discurso.

Cadu:

- "...não vou renunciar! É isso: eu não vou renunciar. Neste momento histórico, pagarei com minha vida a lealdade do povo. E digo-lhes que tenho a certeza de que a semente que lançamos na consciência de milhares e milhares de Chilenos, não poderá secar definitivamente. Têm a força, poderão derrubar-nos, mas não se detêm os processos sociais nem com o crime, nem com a força."

Chico coloca a arma no chão. Vai até Cadu.

Cadu:

- “A história é nossa e são os povos que a fazem. Certamente a Rádio Magalhães será silenciada e o tom tranquilo da minha voz não lhes chegará. Não importa, continuarão a ouvi-la porque eu estarei sempre ao seu lado...”

Chico toma o papel de suas mãos. Cadu se afasta para o fundo. Chico lê.

Chico:

- “A história é nossa e são os povos que a fazem. Certamente a Rádio Magalhães será silenciada e o tom tranquilo da minha voz não lhes chegará. Não importa, continuarão a ouvi-la. Estarei sempre ao seu lado. Pelo menos, a recordação que deixo será de um homem digno que foi leal à lealdade dos trabalhadores. O povo deve defender-se, mas não sacrificar-se...”

Cadu percebe a arma no chão. Vai até ela e a pega.

Chico:

- “O povo não deve deixar-se abater nem maltratar, e também não pode deixar-se humilhar. Trabalhadores da minha pátria, tenho fé no Chile e no seu destino. Outros homens superarão este momento cinzento e amargo, em que a traição pretende

impor-se. Muito mais cedo do que se espera, vão abrir-se de novo as grandes alamedas por onde passará o homem livre que construirá uma sociedade melhor.”

Cadu aponta a arma para Chico.

Chico:

- “Viva o Chile! Viva o povo! Vivam os trabalhadores! Estas são minhas últimas palavras. Tenho certeza de que meu sacrifício não será em vão.”.

Cadu aproxima a arma da cabeça de Chico. Sua mão treme. Som de campainha de teatro soa duas vezes. Chico percebe Cadu.

Chico:

- (Para si) Ah, velho estúpido.

Chico tem outro ataque de tosse mais intenso.

Chico:

- Acho que você nem vai precisar disso, rapaz.

Cadu:

- Ajoelha.

Célia:

- Cadu?...

Cadu:

- Calaboca Célia. Tá com pena dele? (Para Chico) Ajoelha.

Chico ajoelha-se.

Cadu:

- É minha vez. Eu também posso ser maluco. (Para Chico) Quem é o mais fraco agora?

Chico:

- Você. Você é ator mais fraco. (Tosse) Deve ser um castigo. Eu sempre odiei quando a plateia tossia.

Chico tosse mais violentamente. Seu peito dói.

Célia:

- Gente, vamos acabar com isso. Pelo amor de Deus...

Cadu:

- Quem é mais fraco, Célia? Quem merece morrer?

Chico:

- Pergunta pra plateia. A Célia tem interesse na causa. Não vale.

Cadu vai até o proscênio. Encara a plateia.

Chico:

- Eles vieram te ver mas descobriram que você é vazio.

Cadu vai até Chico e o empurra no chão.

Cadu:

- Eu não sou vazio.

Cadu, nervoso, sem perceber, aponta a arma para Célia.

Cadu:

- Quem, Célia?!

Célia:

- Ninguém merece morrer. Cuidado, você não sabe mexer com isso... Isso pode disparar sozinho.

Cadu:

- Para de falar igual à minha mãe!

Chico tosse longamente. Vai dobrando sobre si mesmo. Geme. Célia pega sua garrafa de água e vai até ele. Cadu entra na sua frente.

Cadu:

- Não.

Chico:

- Que frio que tá aqui. Éden diminui este ar condicionado pelo amor de Deus.

Cadu:

- (Para Célia) Eu não sou vazio. (Para Chico) Eu não sou nada disso que você pensa, (Para a plateia) que eles pensam.

Célia:

- Você não é vazio, meu amor. Você é um talento. E depois, você é lindo. É isso que o Chico não suporta em você: você é lindo. Agora me dá essa arma. Você não vai fazer nada com ela. Anda Cadu: me dá isso.

Célia leva a mão à arma. Cadu empurra a mão dela.

Cadu:

- Eu não sou lindo, Célia. Você também não faz a menor ideia de quem eu sou.

Chico:

- Tá começando a ficar interessante.

Chico senta-se no palco. Está exausto.

Chico:

- (Para Cadu) Posso tomar um pouco d'água?

Cadu consente. Célia entrega a água para Chico. Ele bebe.

Chico:

- Será que você não vê, Celinha? Não tem mais volta. O garoto foi mordido. O veneno já está correndo nas veias dele. Deixa o moleque fazer alguma coisa que ele realmente queira. A produção é dele, a plateia é dele, ele tá com a arma. Deixa o moleque.

Cadu vai até Chico e crava os dentes no seu braço. Chico urra de dor.

Cadu:

- Meu nome é Cadu!

Chico sai da dor para o riso. Tem um ataque de riso. Célia ri. Cadu também ri.

Cadu:

- É isso aí, cara. A produção é minha, a grana é minha, a plateia é minha. Sou eu quem decide agora. Qual é o terceiro combate. Não eram três?

Chico:

- Muito bom!

Chico levanta-se com dificuldade. Devolve a garrafa de água para Célia. Ela coloca a mão no seu rosto.

Célia:

- Você tá com febre.

Chico:

- Eu tô ótimo. Pronto para o terceiro combate.

Célia:

- Agora são dois birutas.

Célia senta-se novamente. Chico estende a mão aberta para Cadu.

Cadu:

- Não. Eu fico com a arma.

Chico:

- Assim não tem graça. Sem morte não tem graça.

Cadu põe a arma no chão.

Cadu:

- A arma fica no chão. É de quem ganhar.

Chico:

- Perfeito... O último combate... é a peça. Esta que viemos aqui fazer.

Cadu:

- Esperando Godot? Ah, não.

Chico:

- Cada fala, um golpe mortal ou um escudo.

Chico senta-se. Não está bem.

Cadu:

- Eu já falei, cara, eu não entendo essa peça, estes caras esperando esse Godot que não vem nunca...

Chico:

- Você não espera nada, Cadu? Eu esperei tanta coisa. Esperei um amor que ia ser para sempre, esperei telefonemas de amigos, esperei a glória, o reconhecimento, esperei que o público voltasse para os teatros, esperei a coragem de jogar tudo pro alto e viver

como as pessoas normais, esperei a Célia me procurar, minha última amiga, mesmo sabendo que eu não merecia, esperei esta tosse e esta dor no peito passarem milagrosamente, esperei o dia em que não iria me custar subir neste palco com você... Esperei tanta coisa... Esperei até uma maldita consulta no SUS, acredita? Até que eu me cansei de esperar e resolvi me enforcar na árvore de uma vez. O que que você espera, meu amigo Estragon?

Chico e Cadu se olham num longo, longo silêncio.

Cadu:

- Eu escolho o trecho.

Cadu anda pelo palco. Concentra-se. A cena que se segue tem muito mais intensidade e verdade do que a que abriu a peça.

Cadu (Estragon):

- E se deixássemos pra lá? Se a gente deixasse pra lá?

Chico (Wladimir):

- Ele nos puniria. Só a árvore vive.

Cadu (Estragon):

- O que era mesmo?

Chico (Wladimir):

- A árvore está viva.

Cadu (Estragon):

- Não é isso, a espécie.

Chico (Wladimir):

- Não sei, um chorão.

Cadu (Estragon):

- Venha ver. E se a gente se enforcasse?

Chico (Wladimir):

- Com o quê?

Cadu (Estragon):

- Você não tinha um pedaço de corda?

Chico (Wladimir):

- Não.

Cadu (Estragon):

- Então não podemos.

Chico (Wladimir):

- Vamos embora.

Cadu (Estragon):

- Espere, tem o meu cinto.

Chico (Wladimir):

- É curto demais.

Cadu (Estragon):

- Você me puxa pelas pernas.

Chico (Wladimir):

- E quem vai me puxar?

Cadu (Estragon):

- É verdade.

Chico (Wladimir):

- Vamos tentar assim mesmo. (Estragon desamarra a corda que sustenta suas calças.

Estas, largas demais, caem até os calcanhares. Olham para a corda) Em princípio poderia funcionar. Mas será que ele aguenta?

Cadu (Estragon):

- Vamos ver. Segure.

Chico continua sentado. Cada um puxa uma extremidade da corda. Ela se rompe.

Chico (Wladimir):

- Não vale nada.

Cadu (Estragon):

- Você disse que temos que voltar amanhã.

Chico (Wladimir):

- Disse.

Cadu (Estragon):

- Então traremos uma corda decente.

Chico (Wladimir):

- Isso.

Silêncio.

Cadu (Estragon):

- Didi.

Chico (Wladimir):

- O que?

Cadu (Estragon):

- Não posso continuar assim.

Chico (Wladimir):

- É o que todos dizem.

Cadu (Estragon):

- E se a gente se separasse? Talvez ficasse melhor.

Chico (Wladimir):

- Amanhã nos enforcamos. A não ser que Godot venha.

Cadu (Estragon):

- E se vier?

Chico (Wladimir):

- Estaremos salvos.

Cadu (Estragon):

- Então, vamos?

Chico (Wladimir):

- Arrume as calças.

Cadu (Estragon):

- Tirar as calças?

Chico (Wladimir):

- Ar-ru-me as calças.

Cadu (Estragon):

- Então vamos embora?

Chico (Wladimir):

- Vamos lá.

Ficam parados. Olham-se em silêncio longa e profundamente. Há uma emoção entre os dois pela primeira vez.

Cadu:

- Você é o melhor.

Chico se levanta, pega a arma e aponta para Cadu.

Chico:

- E então Édén? Ele é o ator mais fraco?

Longo silêncio.

Chico:

- Édén?

Longo silêncio. O sinal soa duas vezes.

Cadu:

- Duas vezes é “sim”?

Chico:

- É “não”. O nosso juiz, o Édén, achou que não, que você não é o ator mais fraco...

Puxa! Tem certeza Édén?

O sinal soa uma vez.

Chico:

- Então sou eu.

Célia:

- O Édén não disse isso.

Chico:

- Ok, Éden. Eu não esperava isso, mas, no fundo, dá na mesma. (Para Cadu) A arma seria sua Cadu. Mas eu não posso te dar, senão você atrapalharia o final. Você não apertaria o gatilho.

Chico caminha até o proscênio.

Chico:

- Meu Deus, como eu estou cansado. Vamos lá Éden. O que temos aí preparado para o momento da morte?

Um foco de luz azul se acende. Entra uma trilha erudita dramática. Chico se posiciona debaixo do foco.

Chico:

- Muito bom Éden. Eu não tenho ideia do que dizer. (Para a plateia) Sabem, eu não me preparei pra isso de verdade...

Chico vai levando a arma a cabeça.

Cadu:

- Para com isso, cara. Pra que, isso?! Olha aqui, me escuta. Antes de fazer esta merda me escuta.

Célia:

- Eu também quero falar. Se você vai se matar na nossa frente, eu tenho umas coisas que eu preciso dizer antes.

Cadu:

- (Para Célia) Então fala você.

Célia:

- Pode falar primeiro.

Cadu:

- Fala você, Célia.

Chico:

- Ai, Deus! Decidam logo senão eu me mato.

Célia:

- Tá bom. Eu falo. Antes de você morrer eu queria te dizer por que eu fui embora. Eu não sou sua amiga, eu nunca fui sua amiga. Já que vai morrer mesmo, não seja hipócrita. Realmente você foi o único homem maduro que eu amei. Você foi meu ídolo, meu professor, depois meu parceiro no palco, depois meu parceiro na cama... Mas era muito solitário te amar. Ver você com outras, com outros, sua falta de apego. O seu amor incondicional pelos personagens que me sufocava de ciúme. Quem era eu perto da sua Lady Macbeth, né Chico? Ver o seu heroísmo solitário de homem de

teatro. Esse Dom Quixote de mau humor que você carrega. Esta caricatura de herói trágico inebriado pelo próprio sofrimento. Incapaz de ser feliz. Eu queria mais. Percebi: a sua miséria não era só financeira. Era a miséria do sentimento. Mesmo assim, foi tão duro partir que eu não podia nunca olhar pra trás. E foi o que eu fiz. Eu sempre pensava: ele sabe onde me achar. E no fundo, eu também esperava você ligar e me dizer que me amava, que sentia saudade... o meu Godot.

Chico respira fundo, assume um olhar profundamente apaixonado.

Chico (Guima):

- Fecha os olhos e imagina que a gente tá lá em Poços de Caldas. Eu alugo uma charretinha e a gente vai passear!

Célia balança a cabeça negativamente. Não quer mais brincar disto. Ele insiste com o olhar. Ela se entrega.

Célia (Candê):

- Eu não tenho roupa de grã-fina!

Chico (Guima):

- Você comprou uma. Um vestido de seda branca, bem fina, com bastante queda. Já é a hora da Ave-Maria...

Célia (Candê):

- Daqui a pouco vai ser a Hora do Brasil!

Chico (Guima):

- Sonha, Candê, sonha! Nós dois vamos indo e lá no fundo tem uma árvore com um banco. Nós sentamos e ficamos prestando atenção no mundo. As cigarras cantam, os grilos, os passarinhos, tudo canta. Nós dois encostamos a cabeça e ficamos quietinhos.

Célia (Candê):

- Que bonito, Guima! Nunca tinha ouvido cê falar assim! (T) Estou sentido uma dorzinha bem aqui do lado, Guima!

Chico (Guima):

- É emoção, Candê!

Ainda olhando com amor para ela.

Chico (Guima):

- Me desculpa, Célia, eu queria ter vivido isso tudo com você. Mas a Candê sou eu. Eu é que não sei sonhar... (Para Cadu) E você, rapaz? Fala logo.

Cadu:

- Olha, eu passei três meses vendo você me olhar como se eu fosse um merda. E às vezes eu chegava em casa e chorava pra burro, cara. Eu falava: eu devo ser um merda mesmo. Aí eu pegava o texto e ficava falando sozinho dentro do banheiro: minha parte e a sua. Tentando fazer aquilo entrar em mim. Não entrava. Ai eu pensava: que droga que é ser ator, que coisa mais dolorida, a gente tá sempre nesta angústia de ser o máximo, de fazer um negócio que vai deixar todo mundo de boca aberta. Eu queria que todo mundo falasse: ó, o cara é um puta ator. Ele é lindo, mas é um puta ator.

Mas eu não sabia como. Ai eu chegava aqui, e ia dando a hora da gente se encontrar no palco, e ia me subindo uma vontade de sumir. E eu só queria esquecer que eu tava aqui. Mas hoje, hoje você me olhou de um jeito diferente, cara. Pode até dizer que não, só pra me machucar, mas você me olhou, eu vi. Teve um segundo ali que você acreditou em mim, cara. E é por isso, Chico, que eu não sou o ator fraco... e não sou o forte também. Mas eu sou um ator. Um ator como você. Só que você é um ator chato pra caralho... Mas eu gosto de você... Então, não se mata não. Eu não tenho nenhum motivo grandioso pra você não se matar. Só que... Eu gosto de você. É isso.

Chico fica olhando o vazio emocionado com a arma apontada para a cabeça.

Chico:

- Vai ficar mais bonito o final se eu me matar. Não vai Éden?

Soa um sinal.

Cadu:

- Porra, Éden!

Chico faz um grande esforço para atirar... mas não consegue.

Chico:

- Eu não tenho coragem.

Ele abaixa a arma. O foco sobre ele desaparece. Luz geral na cena.

Chico:

- Que droga. Eu não consigo... Ia ser lindo, não ia Édén? Eu ia virar um mártir: o ator que se matou em cena. Na verdade, Cadu, este era o plano: no final, Chico Valente, o magnânimo, poupava o moleque e se matava. Minha cara nos jornais, nas revistas. Iam desenterrar minhas fotos da carreira, meus prêmios... Mas eu sou covarde demais pra isso. Dar um tiro na cabeça? Que horror!

Chico senta-se exausto. Célia senta-se ao lado dele.

Célia:

- E é meio dramalhão também. Eu acho. Você podia até atirar, estourar a cabeça, cair morto aí no palco. Mas não é o seu estilo. Exagerado demais.

Chico:

- E depois é difícil se matar quando a pneumonia já está te matando. Parece meio redundante, sabe?

Cadu senta-se ao lado dos dois.

Cadu:

- Então, acabou?

Chico:

- Acabou.

Cadu:

- E se Godot vier amanhã?

Chico tira o lenço e assua o nariz pela última vez.

Chico:

- Foda-se.

Cadu olha para a plateia.

Cadu:

- E a plateia?

Chico:

- Eles são treinados. Quando dá um Black out mais longo, eles sabem que acabou...

Éden!

Black out longo.

Fim.